

AS PARTICULARIDADES DAS EXPRESSÕES GRÁFICAS RUPESTRES DA TRADIÇÃO NORDESTE, EM MORRO DO CHAPÉU, BAHIA

Carlos Etchevarne

RESUMO

No município de Morro do Chapéu, na região da Chapada Diamantina, Bahia, encontra-se um conjunto de sítios que pode ser filiado ao estilo Serra da Capivara da Tradição Nordeste. De fato, a temática e a tecnologia de representação enquadram-se diretamente naquele sistema gráfico, ainda que na região diamantina possam ser identificadas algumas particularidades. Os três sítios analisados no artigo constituem exemplos de referência, sobre das expressões particulares com que esse estilo se manifesta na região central baiana.

PALAVRAS CHAVES – Arte rupestre; Chapada Diamantina; Tradição Nordeste

ABSTRACT

In the municipality of *Morro do Chapéu*, in the *Chapada Diamantina* region, state of *Bahia*, one finds a complex of archaeological sites that can be affiliated with the *Serra da Capivara* style of the *Nordeste* tradition. In fact, the theme and technique represented fit precisely into that graphical system, even though rock art in the *Diamantina* region exhibits some particularities. This paper presents three case studies that may be considered reference sites for the *Nordeste* tradition as expressed in the particular style of the central region of *Bahia*.

KEY WORDS – Rock art; *Chapada Diamantina*; *Nordeste* Tradition

Definição básica para identificação da Tradição Nordeste

As pinturas rupestres englobadas na Tradição Nordeste vêm sendo estudadas sistematicamente em diferentes áreas do território nordestino, desde a década de 80. Essas pinturas foram identificadas, reconhecidas, analisadas e classificadas por estilos na Serra da Capivara, Piauí, e na região do Seridó, Rio Grande do Norte. A partir dos estudos pormenorizados de Anne Marie Pessis, Niède Guidon e Gabriela Martin, nessas duas áreas, foi possível determinar que os grafismos desta tradição pictográfica também ocorriam, com algumas variações, em outras partes do Nordeste brasileiro e, talvez, em outras regiões do Brasil, com menos frequência e menor definição (Martin, G. 1996: 209-247).

No território da Bahia as representações gráficas dessa tradição foram identificadas pela primeira vez, na década de 70, por Valentin Calderón, na Fazenda Jaboticaba, no município de Morro do Chapéu. Calderón tomou como base de classificação as figuras antropomorfas e zoomorfas, representadas com as partes principais do corpo humano ou animal, usando instrumentos ou outros atributos. As figuras, segundo o pesquisador, compunham cenas nas quais participavam vários indivíduos, em que podia ser visualizada alguma ação. A esse conjunto de figuras ele denominou Tradição Realista. Com essa caracterização, Calderón identificou e nomeou, pioneiramente, aquilo que é essencial em um dos estilos que tem maior representatividade na Tradição Nordeste, o Serra da Capivara (Calderón 1983: 11-16; Pessis 2003: 111-131).

A partir do ano 2006, pesquisas sistemáticas vêm sendo desenvolvidas na Chapada Diamantina, compreendido o município de Morro do Chapéu, por parte do Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica (CNPQ/UFBA). Os programas de localização, caracterização e análise, desenvolvidos até o presente, permitiram identificar áreas específicas onde esse estilo ocorre, havendo uma concentração acentuada no território morrense (Etchevarne 2006).

Como foi já amplamente referido por Calderón e pelas pesquisadoras mencionadas acima, esse estilo se caracteriza pelo efeito narrativo das representações. Para isto, se torna indispensável que na composição entrem detalhes do corpo humano ou animal, que aqui se transforma em unidade gráfica mínima de expressão. Ou seja, a mensagem, proposta pelo indivíduo que pintava, era composta por partículas gráficas combinadas, que posicionadas de uma determinada maneira, evocam, conjuntamente uma situação social em que impera a descrição e o dinamismo.



O corpo humano, especificamente, pode apresentar atributos ou elementos acessórios que aludem, às vezes, à distinção social do indivíduo como cocares, braçadeiras, perneiras, cestas, redes, armas (tacapes, lanças, flechas, propulsores), maracás, sacolas, saiotes, máscaras, entre outros. Esses adereços ajudam na compreensão da ação visualizada, em que estão envolvidos os indivíduos.

Por outro lado, o conjunto pode estar composto por outros elementos culturais que contribuem na construção do cenário. As cenas de captura de animais, especialmente cervos e emas, têm sempre uma rede ou cerca muito bem definida. Uma árvore central dá idéia do espaço onde se congregam pessoas, possivelmente em um ato ritualístico. As palhoças de um acampamento ou de uma aldeia são elementos de composição indispensáveis para entender onde se encontram os indivíduos que se vêm agrupados abaixo delas, se protegendo.

Além desses indicadores, algumas partes do corpo humano contribuem na compreensão dos gestos realizados grupalmente. A boca aberta, por exemplo, em alguns casos está nitidamente desenhada, ainda que outras partes da cabeça não apareçam definidas. A representação da boca aberta alude a gritos ou a cantos, a depender que seja uma ação de guerra, de caça ou de um ritual. Porém, são as articulações das extremidades superiores e inferiores que permitem reconhecer o flagrante da gestualidade. As pernas e os braços fletidos demonstram as atitudes individuais: parados, agachados, andando, correndo, usando o propulsor, arremessando pedras, entre outras. Nos animais quadrúpedes, a flexão dos membros indica, eloqüentemente, se eles estão parados, correndo ou saltando.

Por outro lado, o movimento pode estar sugerido pela posição que ocupam os componentes da cena. Nas representações de caça, por exemplo, existe uma disposição circular ou semi-circular dos personagens humanos, situando-se os animais, geralmente, no centro. Essa centralidade de algumas figuras pode ser percebida também em algumas representações de rituais, em que figuras humanas estão reunidas e orientadas em torno de uma árvore. Por sua vez, nas cenas de confrontos, sejam elas lutas verdadeiras ou ritualizadas, a oposição entre dois grupos é remarcada, utilizando-se como recurso gráfico a disposição dos personagens preferentemente vertical.

Em resumo, o dinamismo como elemento temático diferenciador do estilo Serra da Capivara da Tradição Nordeste está registrado, principalmente, pelas composições em que figuras humanas ou de animais se relacionam entre si, pela coerência dos gestos, pela

organização das cenas, pelos atributos dos personagens e pela feitura de algumas partes do corpo, em especial as extremidades.

No que se refere aos aspectos técnicos das representações gráficas do estilo Serra da Capivara, pode se observar, em geral, grande cuidado no tratamento das figuras, na utilização de traços finos, na predominância da cor vermelha escura, amarronada ou arroxeadada, e em uma tendência às dimensões pequenas, chegando, em alguns casos, à miniaturização. Desta forma, temática e técnicas de representação são os elementos chaves para reconhecer os sítios desse estilo nos afloramentos rochosos de Morro do Chapéu.

Os domínios petrológicos e as ocorrências do estilo Serra da Capivara da Tradição Nordeste, em Morro do Chapéu.

Os sítios e o entorno

O território de Morro do Chapéu, extremo oeste da Chapada Diamantina, está formado por relevos que vão de aplainados ou ligeiramente ondulados a serras com declividade semi-abrupta a abrupta. Esse conjunto encontra-se sobre a parte mais elevada do planalto chapadense (mais de 800 m) e nele se encontram as alturas médias mais altas da Bahia, com mais de 1100m.

Esta situação topográfica reflete-se nas precipitações que aumentam com a altitude conformando o sistema pluviométrico chamado “de chuvas orográficas”, recebendo a influência do sistema que rege o litoral baiano. Assim sendo, o leste do município é mais chuvoso que o oeste, fato que condiciona a ocorrência de tipos de vegetação diferenciados. De fato, nas áreas de maior precipitações, entre 800 e 1200 mm anuais, se instalou uma cobertura vegetal de floresta decidual, semelhante às das matas ciliares de alguns rios do município, como, por exemplo, o Ventura (Barbosa 1995: 39). Em geral, as mudanças de vegetação, entre floresta, cerrado e caatinga acompanham o decréscimo do índice pluviométrico em todo o território morrense. Nos campos rupestres, as espécies também variam conforme a pluviosidade, ou seja, onde ela é maior, abundam as bromeliáceas e as orquídeas, tornando-se mais xerófilas à medida que as chuvas diminuem.

Em todo o município de Morro do Chapéu existem áreas que, pelas características do relevo, propiciaram o aproveitamento como suportes de sistemas gráficos. Tratam-se, concretamente, dos territórios com ocorrência de afloramentos de calcários e de arenitos, sendo, grande parte destes últimos, silicificados. Os modelamentos atuais apresentam-se como resultados diferentes dos fatores geodinâmicos sobre as rochas de naturezas distintas.



De fato, as feições atuais desses afloramentos se caracterizam por apresentar espaços abrigados, de dimensões variáveis, e de altos paredões pouco protegidos. Os relevos abrigados no domínio do calcário, especificamente, são diversos, havendo espaços de pouca profundidade, como pequenas lapas e tocas, até grutas com aberturas muito altas e vários quilômetros de extensão, em profundidade. O sítio Espinheiro é uma toca bem representativa do primeiro caso e a Gruta dos Brejões, no noroeste do município, é o melhor exemplo do último tipo, com seus 120 m de altura na entrada e mais de 7 quilômetros de galerias subterrâneas (Berbert-Born e Karmann 2002: 369)

Os arenitos, que se estendem no município por uma superfície muito maior que a dos calcários, formam as colinas e as serras, além de constituir conjuntos de afloramentos isolados. Estas formações rochosas, que emergem na paisagem à maneira de cogumelos, apresentam na base espaços abrigados, pouco profundos, ideais para a permanência de um grupo e para que eles plasmem em suas paredes internas os sistemas gráficos que lhes eram próprios. Esses abrigos correspondem a cavidades formadas pela erosão na base dos afloramentos, seguindo o acamamento estrutural, ou seja, a deposição típica dos arenitos. Assim, os afloramentos mostram degraus de reentrância, seguindo as camadas areníticas, que perdem a matriz silicosa, dissolvendo-se como rocha e liberando os graus de areia quartzíticos. Desta forma se apresentam os abrigos com pinturas Toca da Figura, Toca do Pepino, ambos no distrito de Ventura, e o do complexo de Lagoa da Velha, na localidade do mesmo nome. Isto é, os três correspondem a estruturas geológicas semelhantes e com arquiteturas do espaço interno muito parecidas.

Os sítios, Toca da Figura e Toca do Pepino, encontram-se no território distrital do antigo núcleo urbano da Vila de Ventura, núcleo que teve seu auge durante o período da mineração do diamante, mas que hoje está abandonado e a maior parte das casas estão em ruínas. Toca da Figura e Toca do Pepino encontram-se em dois conjuntos de afloramentos de arenitos silicificados situados em lados opostos do rio Ventura, sobre os cumes das duas escarpas por onde atravessa o rio. No primeiro caso o sítio se encontra na Serra dos Becos, no segundo, em Igrejinha, área assim denominada popularmente pelo aspecto semelhante com torres de igrejas.



Figura 1: Sítio Toca da Figura (Ventura). Vista externa da entrada do abrigo, destacando-se os acamadamentos de arenitos silicificados.



Figura 2: Vista dos afloramentos areníticos da localidade de Igrejinha, desde o sítio Toca do Pepino.



Em cada um dos sítios existem áreas que contêm vestígios de terem sido utilizadas por caçadores contemporâneos ou pelo menos do período do auge da mineração: restos de fogueiras, armadilhas e paredes feitas com blocos de rochas, sem argamassa, dividindo o espaço interno de alguns abrigos. Não obstante o risco que esta ocupação tardia poderia trazer para as pinturas, não há sinais de danos nos painéis que lhes possam ser atribuídos diretamente.

O complexo de abrigos Lagoa da Velha, por sua vez, encontra-se na base da Serra de Isabel Dias, em uma área em que os afloramentos adotam um alinhamento aproximadamente circular, e em cujo centro existe uma depressão, onde se acumula água, nos períodos de chuva. Nesses momentos, esta bacia adquire o aspecto de lagoa, de onde deriva seu nome. Nos afloramentos há vários abrigos que podem ter servido para habitat a grupos humanos de demografia reduzida, mas somente os que têm visibilidade para a lagoa, foram utilizados como suportes de pinturas.



Figura 3: Sítio Lagoa da Velha. Afloramentos de arenito silicificado, em torno da lagoa.

Em Lagoa da Velha, os abrigos pintados se sucedem a poucos metros de distância entre si, abrindo-se para o NO, os de uma parte do círculo, e para o NE e Leste, os da parte oposta. Existem, ainda, alguns blocos rochosos de pequeno porte e sem proteção, em meio à lagoa, que também foram pintados com cenas de antropomorfos da Tradição Nordeste.

No sítio Toca da Figura as pinturas ocupam dois abrigos separados entre si por 100 m aproximadamente. No primeiro abrigo há dois grandes painéis divididos por uma quebra da parede rochosa e por um desnível do solo, que forma uma passarela mais alta acompanhando o segundo painel. Por sua vez, na Toca do Pepino, existem também dois grandes paredes com representações, separados por uma fenda, onde em certos períodos mina água. O corpo do afloramento apresenta ainda, em continuação, um grande abrigo sobrelevado com grande visibilidade sobre o horizonte, mas sem nenhum vestígio de pinturas.

Cabe ressaltar, que nos três sítios aqui apresentados não há possibilidade de re-alizar escavações profundas, em função de que, rapidamente, se atinge o solo rochoso. Isso se deve a que os estratos de arenitos silicificados que estruturam o abrigo têm continuidade em profundidade. O acúmulo de sedimentos sobre o solo rochoso compacto não parece ter sido possível, provavelmente pela lixiviação ou pelo transporte eólico a que o abrigo estava exposto. As escavações realizadas em Toca da Figura em fevereiro de 2009, e na Toca do Pepino, em maio de 2009, assim o confirmam, posto que na maior parte das quadras escavadas o solo rochoso aparecia entre já os 20 e 35 cm. No segundo setor da Toca do Tapuia, a plataforma rochosa sobrelevada está muito exposta ao intemperismo, situação que parece ter contribuído à varredura de qualquer vestígio que pudesse ter sido acumulado.

Particularidades das pinturas

Os grafismos dos três sítios encontram-se, em linhas gerais, em bom estado de conservação. As únicas alterações de deterioro observadas foram produzidas pela cristalização da sílica, típica deste tipo de rocha, que provoca uma camada tênue, como grandes manchas esbranquiçadas, orientadas de cima para baixo. Essas películas aparecem nas áreas externa e interna dos abrigos, onde há infiltração de água, o que provoca a precipitação da sílica da própria rocha, ocultando parcialmente algumas figuras.

Nos três sítios são utilizadas cores variadas em tonalidades, havendo predominância do vermelho, em gamas que vão do alaranjado ao arroxeado escuro. Seguem por quantidade de motivos, o branco, o amarelo e, por último, o preto. Também deve ser destacada a preparação de uma cor creme ou amarela clara, resultado da mistura do branco e do amarelo. Esta cor foi aplicada em duas figuras grandes, semelhantes, localizadas na



parte superior da parede do fundo de Toca da Figura I, uma das quais pode ser melhor identificada com um felino. Em todos os casos não parece ter havido a pintura de um único motivo com duas ou mais cores, isto é, os conjuntos gráficos são monocromáticos.

É importante ressaltar que na organização do programa gráfico existe uma forte tendência à horizontalidade, isto é, a disposição das figuras segue uma sequência que se desenvolve para os lados. Esta característica marcante torna-se mais evidente no sítio Toca do Pepino, que apresenta, na totalidade do painel principal, representações gráficas correspondentes a um único momento pictográfico, com raras superposições. Esta horizontalidade poderia estar condicionada pelo próprio suporte rochoso, composto de camadas estratigráficas dos arenitos silicificados, separadas por fendas sutis.



Figura 4: Sítio Toca do Pepino (Igrejinha). Cena com antropomorfos, acompanhando a horizontalidade do bloco do suporte arenítico



Figura 5: Sítio Lagoa da Velha. Fileira de veados dispostos em linha horizontal

No universo total de figuras presente nos abrigos I e II do sítio Toca da Figura, nos I e II de Toca do Pepino e nos I, II, II e IV de Lagoa da Velha observa-se que há predominância de elementos gráficos da Tradição Nordeste. Seguem-se, em proporção bem menor, os grafismos da Tradição Agreste e, por último as figuras geométricas que em alguns casos aludem aos elementos mais simples da Tradição São Francisco. Algumas pinturas são de difícil enquadramento, especificamente aquelas de animais de grande tamanho, como os felinos de Toca da Figura I ou o lagarto de Lagoa da Velha II, que, provavelmente, devam ser classificadas em estilos não identificados até o momento.

As poucas superposições encontradas nos painéis dos três sítios analisados permitem reconstruir uma temporalidade relativa para as três tradições mencionadas. O primeiro grande momento de pintura seria o da Tradição Nordeste. As típicas figuras humanas pequenas e arroxeadas seriam sempre as primeiras a serem pintadas. No caso do segundo setor de Toca da Figura I se observam grafismos antropomorfos em movimento, efetuados com traço fino, de cor amarela, com desenhos semelhantes às arroxeadas. A diferença reside em que são de grande tamanho (até 30 cm) e de cor amarela. Estas figuras foram pintadas posteriormente já que se superpõem ao grande conjunto de antropomorfos que forma a cena de batalha no setor 2 de Toca da Figura I. Cabe ressaltar que figuras alonga-

das deste tipo também se encontram pintadas em uma parede, pouco abrigada, de Lagoa da Velha. Nesse conjunto observam-se figuras humanas segurando nas mãos hastes com folhas, na extremidade superior, e tubérculos, dispostos de forma radial, na inferior, sugerindo se tratar de raízes de mandioca.

Conforme os painéis analisados desses sítios, em termos cronológicos, aos grafismos da tradição Nordeste lhes sucedem os da Tradição Agreste. Por último aparecem os da Tradição São Francisco e outros geométricos. Esta situação de superposição demonstrando a sucessão das tradições pictográficas é também reconhecida em outros sítios da Chapada Diamantina.

Nos sítios Toca da Figura e Toca do Pepino predominam os antropomorfos, em pares ou compondo cenas, ainda em que há casos de figuras humanas isoladas. Já na Lagoa da Velha são os zoomorfos que estão mais representados. Eles se dispõem, em geral, em linhas horizontais, com o corpo visto de lado, existindo um efeito visual de ritmo, posto que nas fileiras se observou um modelo de figura que se repete em tamanho, orientação e posicionamento do corpo, havendo ainda uma separação parecida entre as figuras. Essas séries de figuras enfileiradas, normalmente acompanham as linhas do suporte rochoso de estratos de arenito silicificado.



Figura 6: Sítio Toca da Figura. Antropomorfos em cena de confronto, com destaque para a flexão dos membros superiores e inferiores



Figura 7: Sítio Toca do Pepino. Grupos humanos em confronto, cujos movimentos são ressaltados pela flexão dos membros superiores e inferiores



Figura 8: Sítio Lagoa da Velha. Motivos zoomorfos enfileirados, em cores branco, vermelho e amarelo



Os temas cenográficos principais são os de confrontos entre grupos humanos, que parecem ser batalhas verdadeiras ou rituais de batalhas, e, também os de caça ou captura a veados, seguidos pelos de captura a emas. Porém existem outras cenas únicas como o indivíduo que sobe para colher cocos de ouricuri ou de babaçu (sítio Toca da Figura I). Única também é a cena, no mesmo sítio, em que se apresentam três figuras enfileiradas portando grandes sacos ou redes nas costas e logo ao lado uma série de tendas ou cabanas com pessoas dentro, proporcionando, além do conteúdo descritivo, um sentido de oposição entre quem está em movimento (andando) e quem está em repouso ou detido (abaixo das palhoças).

As figuras humanas normalmente estão compostas pelas partes principais do corpo, cabeça, tronco e extremidades, cada parte representada por traços únicos. Porém nos sítios Toca do Pepino e Toca da Figura existe uma tendência a remarcar a flexão desses membros, para acentuar os gestos, usando-se dois traços. Há também representações humanas de muito movimento em que apenas o corpo está composto por vários traços paralelos. Outra forma de representação antropomorfa consiste em um corpo que parece ter formato de peixe ou de flecha, com cabeça triangular, pernas rígidas à maneira de rabo de peixe, com braços fletidos, em geral para cima. Esta forma humana é numericamente menos representada. Porém pode ser encontrada além do sítio Toca do Pepino em outras localidades da Chapada Diamantina.



Figura 9: Sítio Toca do Pepino. Antropomorfos pisciformes. A figura humana central, em amarelo se superpõe às de cor arroxeada



Os zoomorfos de maior ocorrência são as emas e os veados, que também apresentam elementos gráficos que denotam movimento. No que se refere aos veados, sejam isolados ou em composições, demonstram a ação através do desenho das extremidades (fletidas e estendidas) em oposição àqueles que estão detidos, em pé (com as patas em posição vertical). Nas composições eles aparecem junto a humanos correndo na frente ou, então, dentro de cercas, em que também há homens em movimento. Em um dos abrigos de Lagoa da Velha foram pintadas 13 figuras de veados enfileiradas, com grande realismo nos movimentos dos membros superiores e inferiores, de forma que aparentam correr a grande velocidade.



Figura 10: Sítio Lagoa da Velha. Zoomorfos (veados) com superposição de antropomorfos (horizontais) e duas figuras humanas verticais, em amarelo tênue, superpostas às demais



Figura 11: Sítio Lagoa da Velha. Cena de veados, em que se captou o movimento dos animais pela disposição dos membros



A tendência à miniaturização, já apontada por Gabriela Martin (Martin 1996:228), encontra nas figuras zoomorfas de Toca da Figura exemplares de máxima expressão. No setor II, na parte inferior de dois blocos que se projetam à maneira de pequena marquise, foram pintados dois conjuntos de miniaturas de cervídeos, o menor dos quais chega a medir 1 cm. A posição de ocultamento proposital é evidente se considerarmos que os dois suportes estão a aproximadamente 80 cm do solo rochoso, não sendo visíveis a um observador em pé.

As emas são retratadas enfileiradas, em número variável que pode chegar até 15. As pernas abertas, na maioria dos casos, em ângulos superiores a 45 ° mostram muita regularidade na forma de representação. Existem alguns exemplos em que as asas das emas são destacadas do corpo e delineadas com traços finos e arqueados ou rígidos, como se fossem galhos de veados. Entre outros tipos de zoomorfos, além das espécies mencionadas acima, é possível identificar outras aves (jacu e garças) e pelo menos um crustáceo, tipo caranguejo.



Figura 12: Sítio Lagoa da Velha. Conjunto de emas, em amarelo, dispostas em fileira horizontal, e com corpos fortemente padronizados



Figura 13: Sítio Lagoa da Velha. Conjunto de emas, a maior das quais com par de asas estendidas desenhadas por traços únicos

Os fitomorfos estão representados por palmeiras, provavelmente de babaçu, se o paleoambiente era úmido, ou de ouricuri se era mais seco, em três casos do abrigo Toca da Figura I e em Toca do Pepino. Um exemplo está pintado em cor arroxeada, na cena do homem coletando os frutos de três palmeiras. Os outros dois casos são os de figuras antropomorfas em volta de pés de palmeiras. São figuras altas pintadas com traços finos, em cor amarela bastante intensa.

Por último, cabe ressaltar que os três sítios selecionados para apresentar neste artigo são uma amostra do conjunto numeroso que ocorre em Morro do Chapéu e em outros municípios da Chapada Diamantina, onde se encontram manifestações bem definidas do estilo Serra da Capivara da Tradição Nordeste. Em linhas gerais, todos esses sítios apresentam a mesma forma de aproveitamento do suporte arenítico silicoso, que pela sua composição mineralógica de grande homogeneidade e pelo modelamento topográfico, que deixa exposto o acamadamento originado pela deposição arenítica, ambientes apropriados para a execução de um projeto gráfico como o do estilo naturalista da Serra da Capivara.



Quanto às técnicas de representação, como elementos particulares, destacam-se o uso predominante do roxo amarronado para as figuras humanas, a policromia nas composições de zoomorfos, os detalhes minuciosos de complementos corporais, de traços executados com precisão milimétrica, a ocorrência de figuras em miniatura que alcançam 1 cm e a intencionalidade, em alguns casos, de ocultamento das figuras.



Figura 14: Sítio Lagoa da Velha. Detalhe de cena de zoomorfos, com veado pintado em vermelho sobre uma base de pintura branca, deixando apenas o contorno dessa cor. O resultado é um efeito de contraste entre o suporte e a pintura



Figura 15: Sítio Toca da Figura. Cena de antropomorfos com cocares, na parte superior e, na inferior, outro conjunto de figuras humanas, menos elaboradas, em vermelho e amarelo.



Figura 16: Sítio Toca do Pepino. Cena de captura a veados



Figura 17: Sítio Toca do Pepino. Grupo de antropomorfos com lanças, leques (?), cocares e outros instrumentos, com figuras centrais de grande expressividade nos movimentos. Destacam-se os finos traços dos leques, aparentemente de fibras



Agradecimentos

O autor agradece o inestimável apoio dado pelos arqueólogos Alvandyr Bezerra e Luydy Fernandes, membros do Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica, na preparação dos dados e das imagens deste artigo.

Carlos Etchevarne

Universidade Federal da Bahia

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Marilene A. Clima. 1995 *Projeto Mapas Municipais – Morro do Chapéu (BA)* Org. Antonio Dourado Rocha e Ivanaldo Gomes da Costa. CPRM. Salvador.
- BERBERT-BORN, Mylène e Karmann, Ivo. 2002 Lapa dos Brejões – Vereda Romão Gramacho, Chapada Diamantina. *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*. DNPM/SIGEP. Brasília.
- CALDERÓN, Valentin. 1983 Nota prévia sobre três fases da arte rupestre no Estado da Bahia. *Estudos de Arqueologia e Etnologia*. UFBA. Salvador.
- ETCHEVARNE, Carlos. 2007 *Escrito na Pedra. Cor Forma e Movimento nos grafismos rupestres da Bahia*. Rio de Janeiro, Odebrecht/Versal
- MARTIN, Gabriela. 1996 *Pré-História do Nordeste do Brasil*. UFPE, Recife
- OLIVEIRA, Julio M. de. 2007 *Cadernos de campo*. Manuscrito. Salvador.
- PESSIS Anne M. 2003 *Imagens da Pré-História*. FUNDHAM/Petrobras, São Paulo

